



AGINDO AGORA PARA PROTEGER O CAPITAL HUMANO DE NOSSAS CRIANÇAS

Os Custos e a Resposta ao Impacto da
Pandemia de COVID-19 no Setor de
Educação na América Latina e Caribe



© 2021 Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento / Banco Mundial 1818 H Street NW Washington DC 20433
Telefone: 202-473-1000 Internet: www.worldbank.org

Este trabalho é um produto da equipe do Banco Mundial com contribuições externas. As constatações, interpretações e conclusões expressas neste trabalho não refletem necessariamente as opiniões do Banco Mundial, de sua Diretoria Executiva ou dos governos que eles representam.

O Banco Mundial não garante a exatidão, integridade ou atualidade dos dados incluídos neste trabalho e não assume responsabilidade por quaisquer erros, omissões ou discrepâncias nas informações, ou responsabilidade com relação ao uso ou não uso das informações, métodos, processos ou conclusões apresentados. As fronteiras, cores, denominações e outras informações mostradas em qualquer mapa deste trabalho não implicam qualquer julgamento por parte do Banco Mundial sobre a situação legal de qualquer território ou o endosso ou aceitação de tais fronteiras.

Nada aqui deve constituir ou ser interpretado ou considerado como uma limitação ou renúncia aos privilégios e imunidades do Banco Mundial, todos os quais são especificamente reservados.

Direitos e permissões

O material deste trabalho está sujeito a direitos autorais. O Banco Mundial incentiva a disseminação de seu conhecimento, portanto, este trabalho pode ser reproduzido, parcial ou integralmente, para fins não comerciais, desde que todos os créditos sejam plenamente reconhecidos.

Quaisquer dúvidas sobre direitos e licenças, incluindo direitos subsidiários, devem ser encaminhadas à World Bank Publications, The World Bank Group, 1818 H Street NW, Washington, DC 20433, EUA; fax: 202-522- 2625; e-mail: pubrights@worldbank.org.

Foto da capa: © Ljupco Smokovski/ Shutterstock.com
Design da capa: Alejandro Espinosa/Sonideas.com



FOTOGRAFIA POR: © THOMAS MICHAEL PERRY/O BANCO MUNDIAL

Destaques

A pandemia da COVID-19, sem dúvida, é o maior choque mundial sofrido pelos sistemas educacionais na História. Desde sua deflagração no início de 2020, a maioria dos sistemas educacionais de todo o mundo enfrentou o fechamento repentino de instituições de todos os níveis como medida sanitária imediata para controlar a disseminação do SARS-COV-2, uma nova variante do coronavírus. Enquanto dominavam o duplo desafio imposto aos seus debilitados sistemas econômico e de saúde, os países da América Latina e do Caribe (LAC) foram obrigados a adotar uma série de estratégias de aprendizagem remota para transmitir o conteúdo educacional para sua população de estudantes. Três mensagens principais emergem deste relatório:

Apesar dos imensos esforços realizados, a aprendizagem está despencando nos países da América Latina e Caribe por causa da pandemia, particularmente entre as crianças mais pobres. A América Latina e Caribe pode ser a região com o segundo maior aumento absoluto de pobreza de aprendizagem: a parcela de crianças que não consegue ler e compreender um texto simples ao terminar o ensino fundamental pode aumentar de uma linha de base de 51% para 62,5%, o que representa aproximadamente mais 7,6 milhões de crianças pobres de aprendizagem. A América Latina e Caribe pode ser também uma das regiões com o maior aumento absoluto na parcela de estudantes que ficam abaixo dos níveis mínimos de proficiência medidos pelos resultados no exame do PISA. Supondo-se uma duração de fechamento de escolas de 10 meses e eficácia moderada das medidas de mitigação, a parcela de estudantes abaixo dos níveis mínimos de proficiência na América Latina e Caribe pode aumentar do seu nível atual de 55% para 71%. Além disso, estima-se que as perdas de aprendizagem para a região, também medidas pelas pontuações médias do PISA, sejam substancialmente maiores para os estudantes mais pobres do que para os mais ricos. Tal impacto pode ampliar a já elevada diferença dos resultados socioeconômicos em 12%.

Não há tempo a perder. Os países da América Latina e do Caribe devem garantir, por meio de políticas e recursos adequados, que seus sistemas educacionais estejam preparados para a reabertura segura e eficaz em âmbito nacional, de modo a acelerar o processo de recuperação e correção dos dramáticos efeitos negativos da pandemia. No final de 2020, estimava-se que esses países haviam perdido, em média, 159 dias de aulas presenciais. Embora a maioria dos países da região já tenha reaberto suas escolas, pelo menos em parte, o processo em muitos deles avança lentamente e alguns ainda não definiram uma data para início das atividades presenciais. Apesar de não ser possível controlar totalmente o momento certo, os governos podem e devem assegurar que seus sistemas educacionais estejam prontos para a reabertura segura e eficaz. Com capacidade e recursos suficientes, as escolas podem implementar com êxito os protocolos de saúde e higiene apropriados para o contexto, especialmente

EMBORA OS SISTEMAS EDUCACIONAIS da América Latina e do Caribe enfrentem um desafio sem precedentes, esta situação excepcionalmente difícil abre uma janela de oportunidade para que a reconstrução torne os sistemas educacionais ainda melhores, mais eficazes, igualitários e resilientes.



FOTOGRAFIA POR: © NAHUEL BERGERIO BANCO MUNDIAL

em áreas com menor incidência de casos. A reabertura eficaz também envolve decisões importante de gestão, pedagógicas sistêmicas e direcionadas para a recuperação das perdas de aprendizagem esperadas. O financiamento público da educação precisa ser protegido. Tendo em vista as restrições orçamentárias, os recursos precisam ser bem direcionados para ajudar as escolas em comunidades mais duramente atingidas. Os países precisam começar a explorar um modo de melhorar a eficiência dos seus gastos em educação.

Embora os sistemas educacionais da América Latina e do Caribe enfrentem um desafio sem precedentes, esta situação excepcionalmente difícil abre uma janela de oportunidade para que a reconstrução torne os sistemas educacionais ainda melhores, mais eficazes, igualitários e resilientes. Os países da América Latina e do Caribe devem aproveitar as boas práticas internacionais, regionais e nacionais que já estejam em uso e que possam ser adaptadas e ampliadas para acelerar a aprendizagem e melhorar a equidade. Muitas iniciativas inovadoras podem se tornar convencionais. O uso inteligente da tecnologia e dados pode oferecer oportunidades de longo prazo para um aumento da eficiência melhor ensino e aprendizagem para os mais vulneráveis, e o fortalecimento da gestão do setor de educação. A COVID-19 também pode ser uma oportunidade para transformar os sistemas educacionais e desenvolver uma nova visão na qual a aprendizagem aconteça para todos, em todos os lugares. A hora é agora.

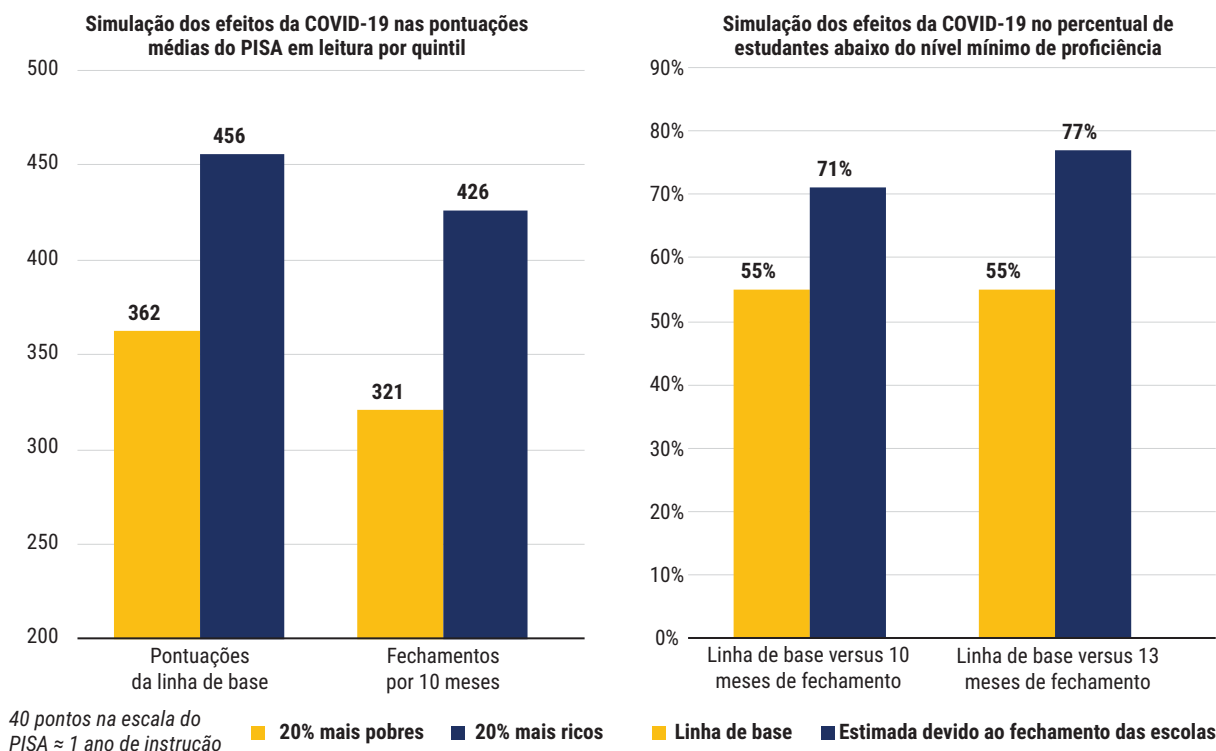


FOTOGRAFIA POR: © TAWANROONG/O BANCO MUNDIAL

Resumo executivo

Os choques sanitário e econômico causados pela pandemia da COVID-19 em 2020 produziram a desorganização mais significativa da história da educação, com o fechamento das escolas em todos os níveis, afetando mais de 170 milhões de estudantes em toda a América Latina e Caribe (ALC). À situação inicial de quase paralisia das primeiras semanas da pandemia, seguiu-se uma etapa na qual a maioria dos países apressou-se para dar uma resposta que garantisse alguma continuidade da aprendizagem durante o fechamento das escolas. Foram implementadas estratégias de aprendizagem remota com ênfase em soluções multimodais de modo a atender mais amplamente os alunos e suas famílias e fornecer apoio aos pais e professores com diversos graus de eficácia. Contudo, mesmo presumindo um alcance abrangente, que continua a ser um desafio, o engajamento e a qualidade são difíceis de conseguir. As populações mais vulneráveis foram as que mais sofreram, evidenciando, mais do que nunca, as implicações sobre a igualdade da pandemia para o futuro do capital humano na América Latina e Caribe.

As estimativas iniciais dos efeitos do fechamento das escolas na região são espantosas: essa interrupção pode fazer com que cerca de dois em cada três alunos não sejam capazes de ler ou entender textos adequados para a sua idade. Simulações recentes sugerem que a pobreza da aprendizagem pode crescer em mais de 20%, o que equivale a um aumento de cerca de 7,6 milhões de pobres de aprendizagem, mesmo com um fechamento de escolas equivalente a apenas 70% do ano letivo. Isso significa que a região pode ter, em média, quase dois em cada três alunos do ensino fundamental que não sejam capazes de ler ou compreender um texto simples apropriado para sua idade. Quando são usadas outras métricas que incluem a aprendizagem que ocorre na escola e o fechamento das escolas por 10 meses, o que já é uma realidade em vários países da região e uma potencial realidade para muitos outros, os resultados demonstram que as perdas em toda a região podem corresponder a cerca de 1,3 ano de escolaridade ajustada pela aprendizagem (Learning-adjusted years of schooling, LAYS) e que 71% dos estudantes podem ficar abaixo dos níveis mínimos de proficiência estabelecidos pelo exame do PISA. A partir



de uma linha de base de 55%, indicando que mais de dois em cada três estudantes no primeiro ano do ensino médio ou nos últimos anos do ensino fundamental não seriam capazes de entender um texto de tamanho moderado. Os países que não reabriram seus sistemas escolares por mais três meses (13 meses no total) podem amargar perdas de LAYS da ordem de 1,7 ano de escolaridade e mais de três em cada quatro estudantes dos anos finais do ensino fundamental podem não alcançar os níveis mínimos de proficiência. No médio e longo prazos, isso representará perdas significativas de capital humano e produtividade. Os prejuízos na aprendizagem podem traduzir-se em um custo econômico agregado de perda de ganhos de 1,7 trilhão de dólares (em PPP de 2017) para 10 meses de fechamento das escolas. Com mais de 80% dos estudantes abaixo dos níveis mínimos de proficiência, as perdas de aprendizagem prejudicariam fortemente a obtenção de habilidades básicas pelos estudantes em vários países. Além disso, estima-se que as perdas de aprendizagem para a região, também medidas pelas pontuações médias do PISA, sejam substancialmente maiores para os estudantes mais pobres do que para os mais ricos quando se considera um fechamento das escolas por 10 meses. Tal impacto pode ampliar a já elevada desigualdade nos resultados socioeconômicos em 12%, ou um quarto de ano letivo, e faria com que os estudantes do quintil superior da distribuição de renda tivessem, em média, uma diferença de quase três anos letivos em comparação com seus pares contemporâneos aos 15 anos de idade. As simulações de vários países demonstram que as crianças e jovens mais vulneráveis ficarão ainda mais atrás. Esses efeitos prejudiciais sobre o capital humano da região são simplesmente uma tragédia. E isso é particularmente preocupante quando as expectativas de perdas de aprendizagem na América Latina e no Caribe ocorrem em uma região já assolada por uma crise de aprendizagem anterior à pandemia e com a maior desigualdade no acesso de estudantes à educação de qualidade no mundo.

Os efeitos da pandemia transcendem o impacto direto na aprendizagem ou escolaridade: eles permeiam muitas outras esferas da vida dos estudantes e, provavelmente, persistirão por um longo tempo. Muitos estudantes, particularmente os oriundos dos grupos de renda mais baixa e aqueles que já estavam aprendendo muito pouco mesmo antes da crise, têm agora um risco muito maior de abandonar os estudos por causa da pandemia. Isto é ainda mais verdadeiro em um contexto de dificuldade econômica e recessão, como ocorre na América Latina e no Caribe. Algumas simulações sugerem que o abandono escolar na América Latina e Caribe pode aumentar em 15% por causa da pandemia. Além disso, o bem-estar socioemocional dos estudantes está em risco. A interrupção dos serviços presenciais que os alunos costumavam receber nas escolas, inclusive a merenda escolar, que é a fonte de alimento mais confiável para 10 milhões de estudantes da região, juntamente com a dificuldade econômica que a maioria das suas famílias está enfrentando, está causando fortes efeitos negativos na saúde física, mental e emocional dos estudantes. A pandemia provavelmente terá consequências negativas vitalícias, especialmente para o bem-estar das crianças pequenas e das famílias. Finalmente, alguns países já estão sofrendo o efeito da saída forçada dos estudantes que antes frequentavam instituições do setor privado e que estão agora se matriculando em escolas públicas. Esse repentino aumento no ingresso de estudantes financiado por recursos públicos está criando uma carga financeira adicional para os governos da região, impondo mais um desafio para o financiamento do setor.

As imensas perdas de aprendizagem e outros custos causados pelo fechamento das escolas podem ser mitigados se os governos da América Latina e do Caribe



SIMULAÇÕES RECENTES SUGEREM

que a pobreza da aprendizagem pode crescer em mais de 20%, o que equivale a um aumento de cerca de 7,6 milhões de pobres de aprendizagem



MAIS DE DOIS EM CADA TRÊS

estudantes no primeiro ano do ensino médio ou nos últimos anos do ensino fundamental não serão capazes de entender um texto de tamanho moderado

OS PREJUÍZOS NA APRENDIZAGEM

podem traduzir-se em um custo econômico agregado de 1,7 trilhão de dólares, equivalente à 10% do total dos ganhos na linha de base



agirem com urgência para abordar os muitos desafios que seus sistemas educacionais estão enfrentando. Para manter a continuidade, a participação e a qualidade, os países latino americanos e do caribe devem aproveitar, ao mesmo tempo, as oportunidades reconstruir sistemas educacionais mais sólidos no longo prazo. Embora os governos continuem a aumentar a eficácia da aprendizagem remota durante o fechamento das escolas, essa ação deve ser rea-

lizada apenas para enfrentar o o problema trazido pela pandemia, mas também para se preparar ou para aprimorar um modelo de aprendizagem híbrida, na qual o ensino presencial e remoto coexistam, já este que se tornará o novo normal nos muitos meses que virão. Simultaneamente, os países precisam já ter preparado e/ou começado a implementar estratégias para garantir a reabertura segura e eficaz das escolas em nível nacional para iniciar a etapa de recuperação o mais breve possível. Apesar de muitos países da região terem iniciado esta etapa de recuperação, a prontidão e a implementação ainda são um problema. Vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que os países estão implementando iniciativas promissoras como resposta de emergência, é necessário começar a pensar em como adaptar, melhorar e adotar essas iniciativas para o longo prazo criando sistemas educacionais mais inclusivos, eficazes e resilientes.

A continuação do aprimoramento do alcance e da aceitação do ensino a distância para os grupos mais desfavorecidos, assim como a qualidade geral da aprendizagem remota, será fundamental para mitigar as perdas de aprendizagem e reduzir as desigualdades. A oferta de ensino remoto multimodal deve considerar: com estratégias explícitas para chegar aos grupos mais desfavorecidos e apoiá-los; envolvimento de pais e professores por meio de comunicação interativa; formação de professores; priorização do currículo e estratégias de avaliação de aprendizagem. Estes são impulsionadores críticos de eficácia, de acordo com uma análise em andamento do Banco Mundial. Para a realização dessas metas será essencial que os países continuem a desenvolver suas capacidades institucionais que assegurem aprendizagem remota de alta qualidade. O ensino a distância requer a combinação de habilidades tecnológicas e pedagógicas. Para assegurar que os estudantes tenham apoio pedagógico de alta qualidade, a formação digital deve andar lado a lado com o desenvolvimento profissional continuado, orientação e mentoria dos professores.

Os países devem se preparar para a reabertura das escolas em âmbito nacional e, ao mesmo tempo, garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Embora a maioria dos países da América Latina e do Caribe já tenham reaberto suas escolas, pelo menos em parte, com exceção deles que estão reabrindo de forma mais ampla, o processo em muitos países suas capacidades lentamente até 1º de março de 2021. Quando e como os governos devem reabrir as escolas, combinando aprendizagem presencial e remota, deve basear-se nas características específicas do contexto de cada local. Entretanto, a demora de alguns países em reabrir as escolas pode ser também sinal de falta de preparação. As evidências reunidas até o momento, na América Latina, Caribe e outros países, demonstram que com capacidade e recursos suficientes, as escolas podem implementar com êxito protocolos de saúde e higiene apropriados para o contexto, especialmente em áreas com menor incidência de casos, como as áreas rurais. A maioria das tarefas de preparação e implantação dos protocolos de reabertura recaem sobre os diretores de escola. Os ministérios da educação devem, portanto, levar em conta a formação dedicada a apoiar os diretores nessas novas atribuições. Paralelamente à preparação das escolas, os países devem também pensar em políticas educacionais que permitam e acelerem o processo de reabertura em âmbito nacional. Os professores devem ser considerados trabalhadores da linha de frente e receber prioridade no processo de vacinação para poderem voltar à escola o mais brevemente possível. Adicionalmente, os sistemas educacionais devem trabalhar em colaboração com os sistemas de



saúde de modo a gerar dados de nível local que orientem a reabertura das escolas (e o acompanhamento da sua evolução).

A reabertura eficaz também envolve importantes decisões de gestão e pedagógicas. Estas incluem medidas sistêmicas e direcionadas para uma recuperação o mais brevemente possível e correção das perdas de aprendizagem, garantindo que as escolas ensinem no nível correto de todos os estudantes (pós COVID-19). O fato é: a maioria dos estudantes estará com aprendizagem defasada quando as escolas reabrirem. Em alguns países, isso terá dramáticas implicações para os alunos abaixo das habilidades mínimas básicas. A simplificação dos currículos, preservando, porém, certos padrões de aprendizagem, a adaptação dos calendários e cancelamento de exames podem ser medidas necessárias para adaptar o ensino e a aprendizagem à nova realidade. Ao mesmo tempo, os estudantes estão passando por processos de aprendizagem muito diferentes. À medida que as escolas reabrem, os professores se deparam com o desafio de ajustar as aulas às necessidades individuais dos alunos. Em junho de 2020, mais de 70% dos países da América Latina e do Caribe tinham planos de lançar programas de reforço escolar que, tomando por base o trabalho diagnóstico e a avaliação oportuna das perdas de aprendizagem, podem reduzir as desigualdades de aprendizagem. Mais tempo de aula, reforço para os alunos, simplificação dos conteúdos ou aceleração da aprendizagem são opções que apresentaram bons resultados. Embora no curto prazo os modelos de aprendizagem híbrida devam considerar poucas opções de tecnologia ou nenhuma, dependendo da preparação, das escolas, a migração dos alunos e professores para soluções digitais pode facilitar a transmissão de conteúdo, a comunicação entre professores e alunos e o monitoramento do desempenho dos estudantes. No entanto, os professores e os diretores de escola precisarão de apoio para responder à nova carga de trabalho e à demanda por habilidades adicionais para otimizar a alternância de atividades presenciais e remotas em benefício dos estudantes.

A ampliação do apoio à saúde mental e psicossocial também será crítica para ajudar a mitigar os impactos da pandemia. A pandemia expôs estudantes, pais e professores às dificuldades econômicas que afetaram seriamente sua renda e também seu bem-estar e sua saúde mental. Estudos de caso demonstram que ferramentas de avaliação socioemocional podem ajudar a medir o estado social e emocional das crianças e estabelecer apoio conforme a necessidade.

A manutenção do engajamento dos estudantes e das famílias continuará a ser a prioridade daqui para frente, durante as etapas tanto de fechamento quanto de reabertura das escolas. Alguns países estão implementando ou ampliando sistemas de monitoramento dos estudantes, tais como sistemas de alerta para identificar os alunos em risco de abandono, com grande potencial de trazer impactos significativos no longo prazo. Além de estratégias específicas para melhorar o envolvimento de pais e alunos na aprendizagem remota, por meio dos incentivos corretos trazer impactos significativos podem ser uma estratégia útil para fornecimento de informações sobre como acessar o conteúdo educacional e a importância de permanecer na escola. Vários países vêm implementando programas de apoio financeiro direcionado, incluindo transferências de renda para os estudantes em maior risco. Tais ações têm se demonstrado eficazes no enfrentamento dos impactos da pandemia e, como tal, são uma opção de política a ser considerada por outros países. Os programas de alimentação escolar também podem desempenhar um papel importante quando reprogramados para alcançar e proteger a nutrição dos estudantes pobres e vulneráveis e compensar a perda de renda durante o fechamento das escolas, além de atraí-los de volta quando as escolas forem abertas. Essas medidas podem ser coordenadas com a implantação de programas e plataformas de proteção social voltados para abordar a crise. Políticas e práticas adaptadas à reabertura de escolas podem também ser necessárias para os funcionários e alunos vulneráveis. Comunicações essenciais sobre a reabertura das escolas também devem estar disponíveis em linguagem relevante e formato acessível para diversificar o alcance.

Os governos da região precisam garantir financiamento público prioritário para a educação, de modo a apoiar a reabertura segura e eficaz. Necessidades concorrentes, frequentemente complementares, de recursos públicos são imensas, mas o financiamento público da educação na América Latina e Caribe não é menos prioritário em um contexto no qual as escolas necessitam ser urgentemente preparadas para uma reabertura segura. As necessidades de educação corretiva são imediatas após perdas de aprendizagem nunca vistas em uma geração. Da mesma forma, uma grande proporção de alunos de instituições privadas podem migrar para o ensino público após o fechamento das escolas. Pacotes de estímulo têm sido utilizados em alguns países para proteger e mobilizar recursos para a educação. Outros recursos também podem ser mobilizados por meio de parceiros e de fontes não tradicionais, tais como contribuições de responsabilidade social corporativa ou de organizações filantrópicas. Diante das restrições fiscais, os recursos financeiros podem ser realocados de outros setores ou de outras destinações.

As restrições fiscais e os altos custos associados à COVID-19 também tornarão imperativos os gastos dos novos recursos públicos de forma mais igualitária e, em última análise, mais eficiente. Mais do que nunca, os países enfrentam o desafio de priorizar recursos adicionais para escolas e comunidades mais duramente atingidas e explorar o potencial de utilização desses recursos com mais eficiência. Alguns países estão conseguindo alocar mais recursos para áreas vulneráveis usando um modelo progressivo de financiamento das escolas, o que contribui para enfrentar os novos desafios. No curto prazo, as realocações do setor de educação baseadas em critérios de eficiência e equidade podem ajudar muito a disponibilizar recursos para as escolas e alunos mais vulneráveis. Da mesma forma, o uso inteligente de dados e tecnologia pode criar

OS GOVERNOS DA REGIÃO
precisam garantir financiamento público prioritário para a educação de modo a garantir uma reabertura segura e eficaz





FOTOGRAFIA POR: O BANCO MUNDIAL

oportunidades de melhorias na eficiência, sobretudo no longo prazo. A melhoria do monitoramento, relatórios e o amplo acesso aos dados e à utilização do financiamento da educação de qualidade, além do uso de dados para fortalecer a relação entre o financiamento público e os resultados educacionais, têm demonstrado forte potencial para aprimoramento da eficiência em alguns países. Os países da América Latina e Caribe também têm potencial para muitas melhorias de gestão.

A pandemia da COVID-19 representou a maior crise de todos os tempos para os sistemas educacionais na América Latina e no Caribe, mas também desencadeou uma oportunidade incomparável para mudança. Durante o fechamento e reabertura das escolas os países vêm inovando no enfrentamento dos desafios atuais. Algumas das medidas adotadas durante ou antes da crise podem desempenhar uma função importante após a crise. Por exemplo, a alavancagem do potencial inexplorado da tecnologia da informação e comunicação é claramente uma oportunidade única de avançar para uma nova etapa do desenvolvimento educacional. O uso inteligente de tecnologias da informação e comunicação (TIC) e das intervenções nos dados pode oferecer oportunidades de longo prazo para melhoria da eficiência no uso dos recursos, apoiando, ao mesmo tempo, melhor ensino e aprendizagem, especialmente para os mais vulneráveis,



e para uma gestão educacional mais fortalecida. Soluções pedagógicas inovadoras também podem desempenhar papel importante. Os exemplos discutidos no documento incluem sistemas de alerta, sistemas de gestão de informações educacionais e ensino no nível correto por meio de aprendizagem adaptativa e outros sistemas de aprendizagem assistidos por computador. Atualmente, menos de 43% das escolas do ensino fundamental e 62% das escolas do ensino secundário na América latina e Caribe têm acesso à internet para fins pedagógicos. A redução das desigualdades digitais, não apenas em infraestrutura, mas também em capacidade digital, pedagógica e sistemas, será essencial para alcançar o potencial de muitas destas inovações. As barreiras ao acesso eficaz e uso das tecnologias digitais relacionadas à situação socioeconômica, geografia, idade, gênero e deficiência física precisam ser abordadas o quanto mais cedo, para também potencialmente beneficiar países durante as etapas de fechamento e reabertura das escolas.

Mais amplamente, a crise da COVID-19 pode ser a oportunidade para transformar todo o sistema educacional de modo a priorizar e apoiar a aprendizagem dos estudantes e desenvolver uma nova visão na qual a aprendizagem aconteça para todos, em todos os lugares. A pandemia revelou a urgência dos países da América Latina e Caribe assegurarem que seus sistemas estejam direcionados para a aprendizagem dos estudantes. Este já era um imenso desafio antes da pandemia e deixou claro que “recuperar a aprendizagem” não é suficiente para a região, especialmente em alguns países onde a maioria dos estudantes já não dominava os conceitos

básicos. Ao mesmo tempo, a pandemia também demonstrou a importância de assegurar a continuidade da aprendizagem além dos muros da escola e proporcionou lições importantes sobre a necessidade de preencher a desigualdade digital entre as escolas e o papel fundamental dos professores e pais. Os países têm agora uma oportunidade única de aproveitar a crise para traçar seu próprio caminho em direção à melhoria da aprendizagem.

Profundamente preocupado com a magnitude da crise, o Banco Mundial está comprometido em ajudar os países da América Latina e Caribe em seus esforços para mitigar as tristes consequências da pandemia em seus sistemas educacionais. Com base na sua competência global em uma grande variedade de áreas temáticas, o Banco Mundial envolveu-se desde cedo na resposta à pandemia com os países da região da América Latina e Caribe, impulsionando rapidamente parcerias com importantes organizações multilaterais e bilaterais. O foco inicial foi direcionado para ajudar os países na avaliação do impacto da pandemia e no apoio às estratégias de aprendizagem remota, com foco em abordagens multimodais para o fornecimento de educação, com forte apoio aos estudantes, professores e pais de modo a aumentar o engajamento.

O apoio à aprendizagem remota foi complementado por assistência financeira e técnica para ajudar os países a se prepararem para a reabertura segura e eficaz das escolas e a adotarem soluções tecnológicas, de dados e pedagógicas para o longo prazo. Um elemento crítico do trabalho para o qual o Banco Mundial está priorizando apoio está voltado para a redução das desigualdades digitais nos sistemas educacionais da América Latina e Caribe. É de especial interesse para a agenda do Banco Mundial o ângulo da equidade. E os esforços estão voltados para os grupos de baixa renda, por meio da atualização digital das salas de aula, aumento da conectividade das escolas e criação de habilidades digitais. Outros elementos do apoio incluem reforço escolar, apoio socioemocional e sistemas de alerta, entre outros. O Banco Mundial também vem liderando, desde antes da crise, a implementação de plataformas digitais para “ensinar no nível certo” e melhorar a gestão do setor, incluindo, entre outros fatores, a gestão da informação e o monitoramento dos jovens em risco.

Olhando para frente, o Banco Mundial está comprometido em continuar a apoiar os países nos seus esforços de recuperação relacionados à pandemia, ao mesmo tempo em que acelera iniciativas de reforma da educação na esperança de ajudar os sistemas educacionais a se reconstruírem melhor. A agenda do Banco Mundial para a América Latina e Caribe tem o objetivo de apoiar os países em seus processos de ensino e aprendizagem para adaptarem-se mais rapidamente ao novo normal e se prepararem adequadamente para a aprendizagem do futuro. Com isso, o Banco Mundial dará ênfase especial a algumas áreas que se sobrepõem, relevantes tanto para o curto prazo, quanto para o longo prazo: (i) aumento do alcance, uso e eficácia da tecnologia para a educação, com foco na redução das desigualdades digitais, aprendizagem híbrida e remota e soluções de dados e tecnológicas para o longo prazo (aprendizagem adaptativa, sistemas de alerta e sistemas de informação de gestão da educação, entre outros); (ii) apoio às reformas pedagógicas e de gestão para recuperação e resiliência, com ênfase na avaliação, políticas de correção e apoio socioemocional, instrução personalizada, formação de diretores e professores, na apoio e gestão de sistemas e reformas no financiamento; (iii) apoio a escolas seguras, enfatizando os protocolos de saúde e higiene, segurança, infraestrutura e investimentos em conectividade; e (iv) desenvolvimento de habilidades para o mundo pós-COVID-19, com foco no desenvolvimento de habilidades nos primeiros anos, programas de educação secundária e terciária baseados em competências, flexíveis e acessíveis, habilidades transversais essenciais e transição entre escola e emprego.



FOTOGRAFIA POR: © THOMAS MICHAEL PERRY/O BANCO MUNDIAL

O duplo choque, sanitário e econômico, gerado pela pandemia COVID-19 causou, a maior ruptura da história do setor educacional na região da América Latina e Caribe. O fechamento massivo de escolas em todos os níveis educacionais está afetando mais de 170 milhões de alunos em toda a região. Apesar dos enormes esforços feitos pelos países para mitigar a falta de educação presencial por meio de sistemas de educação à distância, o impacto sobre a educação esta sendo muito alto e o aprendizado está despencando na região. A “pobreza de aprendizagem” no final da educação primária pode aumentar em mais de 20 por cento. Mais de 2 em cada 3 alunos do ensino médio podem ficar abaixo dos níveis mínimos de desempenho esperados e as perdas de aprendizagem serão substancialmente maiores para os alunos mais desfavorecidos. Realmente não há tempo a perder. Todos os países devem agir agora para garantir que as escolas estejam prontas para reabrir com segurança e eficácia para acelerar o processo de recuperação dos efeitos dramáticos da pandemia. São muitas as lições e evidências de experiências positivas que estão surgindo e que podem ser aproveitadas. Também deve-se zelar para que o financiamento público da educação, para facilitar esse processo de reabertura das escolas. Embora toda a região enfrente um desafio nunca antes visto, esta situação excepcionalmente difícil também abre uma janela de oportunidades para reconstruir os sistemas de educação e torná-los mais eficazes, mais equitativos e mais resilientes.

